

Análise das práticas de gestão de Segurança e Saúde no Trabalho em uma Micro Empresa do Setor Industrial

Horrany Leite de Carvalho (UNICHRISTUS), horrany.leite@hotmail.com
Luis Felipe Cândido (UNICHRISTUS), luisfcandido2015@gmail.com

Resumo:

A gestão da Segurança e Saúde no Trabalho (SST) quando bem exercida pode reduzir riscos de acidentes, promover a saúde e a satisfação dos trabalhadores, melhorar os resultados operacionais e a imagem das organizações. Porém, construir ações relacionadas à saúde e segurança em Micro e Pequenas Empresas (MPE) não é uma tarefa fácil, uma vez que essas empresas normalmente são abertas sem nenhum planejamento prévio ou aquisição de conhecimentos técnicos pertinentes ao ramo ao qual se destinará, além de grande informalidade gerencial, baixo volume de capital empregado e escassez de créditos o que limita diversos investimentos, dentre os quais aqueles relativos à SST. Assim, este estudo tem por objetivo analisar as práticas de SST em uma microempresa especializada na fabricação de vassouras, rodos e escovas e reciclagem de materiais. Foi possível identificar os riscos presentes no processo produtivo, indicar boas práticas de SST e perceber o quanto a elaboração de ações a partir das necessidades e limitações de cada empresa pode facilitar a gestão e promover uma melhora das condições de saúde e segurança nas MPE.

Palavras-chave: Sistemas de gestão, Prevenção de acidentes, MPE.

Analysis of Health and Safety Managerial Practices in a Micro Company from Industrial Sector

Abstract

When the health and safety managerial practices are well performed produce positive impacts like the reduction of risks and accidents, promoting worker health and his satisfaction, improving the operational results and the company brand. However, build actions regarding the health and safety in Micro Companies is a hard task due of this type of company was created without any planning or technical knowledge. Moreover, they have not a body of managerial practices to manage their business aggravated by the small investment and credit not available. These barriers limit the investment of the companies especially in health and safety management. Due of these factors, this paper aims to analyzing the Health and Safety Managerial Practices in a Micro Company from Industrial Sector which produce cleaning equipments and material recycling. As results, a survey of risks in production process was performed well as good practices in health and safety management. We conclude that necessity of adaptation of practices considering the limitations of Micro Companies is fundamental to improve the production conditions environment and promote the spread of their benefits.

Key-words: Management Systems, Accident prevention, Micro and Small Business.

1. Introdução

A competição em escala mundial em levado às empresas a buscarem continuamente por melhorias nos seus sistemas produtivos por meio do uso de novos mecanismos de gestão. A implantação destas ferramentas de gestão tem por objetivo aumentar a qualidade dos produtos, aumentar os lucros e melhorar relação empresa-sociedade, a fim de conquistarem

uma posição de destaque no gosto do cliente(OLIVEIRA *et al.*, 2010).

A Segurança e Saúde no Trabalho (SST) é um desses mecanismos e, nos últimos anos, ela tem se tornado decisivo para a construção da imagem de qualquer empresa, uma vez que trata da prevenção de acidentes e de doenças profissionais, bem como da proteção e promoção da saúde dos trabalhadores, melhorando as condições e o ambiente de trabalho (OIT, 2011). Além disso, SST é condição básica e fundamental par qualquer empresa que deseja atingir qualidade e produtividade (MONTEIRO *et al.*, 2005 *apud* RIBEIRO; AMARAL, 2011).

A satisfação dos colaboradores aliada a um ambiente seguro pode se desdobrar em uma melhora dos resultados operacionais, além de melhorar a imagem da empresa no mercado gerando, inclusive, novas oportunidades de crescimento (OLIVEIRA *et al.*, 2010). Esta satisfação está relacionada com o bem-estar e está vinculado a aspectos mais latentes a sua remuneração, tais como autodeterminação individual e coletiva, envolvimento com os valores da empresa e compartilhamento de sua visão (SEN, 1993; RYAN; DECI, 2000).

A gestão de SST pode proporcionar Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) proporcionando um ambiente juridicamente correto, socialmente encorajador e individualmente desafiador. Além disso, pode evocar o sentimento individual ou coletivo de querer estar naquele local, se sentir em casa e encontrar o apoio necessário para desenvolver-se (SENNET, 2009, 2012).

Porém, a gestão de SST nem sempre é praticada por todas as empresas, dentre os quais pode-se destacar as Micro e Pequenas empresas (MPE). As MPEs possui importante papel na inclusão econômica e social, destacando-se pela participação no acesso às oportunidades de emprego e no desenvolvimento econômico do país (MENDONÇA, 2011).

Devido às MPEs serem importante instrumento de inclusão econômica e social, nos últimos anos o governo lançou programas de concessão de crédito para a abertura de micro e pequenas empresas (MPE) (BNDES, 2014) o propiciou um significativo crescimento do número de empresas abertas, chegando a 13.885.170 em 2015 (INSTITUTO BRASILEIRO DE PLANEJAMENTO E TRIBUTAÇÃO, 2015).

Mesmo com este cenário de investimento nas MPME, as políticas de saúde e segurança são dificilmente vistas em empresas de pequeno porte. A dificuldade de implantação destas políticas é resultado, principalmente, do pouco recurso financeiro e da falta de informação dos donos das empresas (COSTA; MENEGON, 2008). Quando há a implantação do sistema, nem sempre é possível perceber os resultados, já que o investimento em segurança não repercute diretamente nos lucros.

Assim, devido a estas características estruturais, culturais e de gestão, Costa e Menegon (2008) afirmam que algumas normas e leis referentes à SST deveriam ser adaptadas a realidade das MPEs, facilitando a utilização das mesmas pelas organizações e é neste contexto que a presente pesquisa foi desenvolvida. Soma-se a isso incipiência de estudos focados neste tipo de organizações, pois a maioria dos estudos se focam em organizações de grande porte (MOORE; PARAHO; FLEMING, 2010 *apud* MENDONÇA, 2011).

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as práticas de SST em uma microempresa especializada na fabricação de vassouras, rodos e escovas e reciclagem de materiais do interior do Estado do Ceará. Foram identificados os riscos presentes e as principais dificuldades relacionadas à gestão de saúde e segurança do trabalho no processo produtivo, apresentando-se recomendações para sanar os riscos e indicando algumas boas práticas para auxiliar na melhoria gestão da SST.

Para tal, este artigo foi dividido em cinco seções, incluindo esta introdução. A seguir, é apresentado o referencial teórico acerca da questão da Segurança e Saúde do Trabalho nas

MPEs e das dificuldades e motivações para gestão da SST. Na sequência, é apresentado o método de pesquisa, seguido da caracterização do estudo de caso realizado. Por fim, são apresentados os resultados divididos em (i) levantamento dos riscos e recomendações e (ii) boas práticas que podem ser adotadas para gestão da SST em empresas deste porte.

2. Especificidades das Micro e Pequenas Empresas e sua relação com a Segurança e Saúde do Trabalho

As diferenças entre pequenas, médias e grandes empresas demandam atividades desenvolvidas de acordo com o seus tamanhos as características de cada local de trabalho. O sistema de gerenciamento de ações em saúde e segurança deveria se adaptar ao tamanho, às necessidades, aos processos operados, especificidades e limitações de cada MPE. (BRADSHAW *et al.*, 2001 *apud* COSTA; MENEGON, 2008).

O Brasil possui diversas medidas de manutenção de saúde e segurança, tais como as Normas Regulamentadoras do Trabalho (NR), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), além de eventuais programas em saúde e segurança (COSTA; MENEGON, 2008).

A CLT estabelece critérios para um ambiente de trabalho seguro e saudável. Ela determina que o órgão de âmbito nacional competente deve estabelecer normas e controlar a fiscalização; que as empresas devem cumprir as normas relacionadas à saúde e segurança, instruindo seus empregados quanto aos procedimentos de segurança e manutenção da saúde, e estes devem cumpri-las juntamente com a empresa (COSTA; MENEGON, 2008).

Dependendo do número de funcionários e da periculosidade das atividades desenvolvidas, a empresa também deverá constituir uma Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), composta por representantes do empregador e dos empregados, e manter Serviços Especializados em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho (SESMT) (CAMPANHOLE; CAMPANHOLE, 1993 *apud* COSTA; MENEGON, 2008).

Porém, o que se observa é que as mesmas leis que regem as grandes organizações são impostas às micro e pequenas, sem levar em consideração as condicionantes estruturais e ambientais que limitam ou impulsionam as empresas as quais são apresentadas no quadro 1.

Especificidades Organizacionais	Especificidades Decisórias	Especificidades Individuais
- pobreza de recursos - gestão centralizadora - situação extra-organizacional incontrolável - fraca maturidade organizacional - fraqueza das partes no mercado - estrutura simples e leve - ausência de planejamento - fraca especialização - estratégia intuitiva - sistema de informações simples	- tomada de decisão intuitiva - horizonte temporal de curto - prazo - inexistência de dados - quantitativos - alto grau de autonomia decisória - racionalidade econômica, política e familiar	- onipotência do proprietário/dirigente - identidade entre pessoa física e jurídica - dependência perante certos funcionários - influência pessoal do proprietário / dirigente - simbiose entre patrimônio social e pessoal - propriedade dos capitais - propensão a riscos calculados

Fonte: elaborado a partir de Leone (1999)

Quadro 1- Principais características das MPEs brasileiras.

Estas características *per se* são desafios à gestão que se refletem na aplicação de recursos para a SST, o que conduz naturalmente a deficiências quanto ao cumprimento das normas regulamentadoras. É comum que firmas menores não conseguirem seguir as regras estabelecidas pelas normas de saúde e segurança (COSTA; MENEGON, 2008).

Segundo o Ministério da Previdência e Assistência Social, a incidência de acidentes e doenças relacionadas às condições de trabalho nas micro e pequenas empresas chegam a ser quatro vezes maior que naquelas classificadas como grandes (MPAS, 2003 *apud* MENDONÇA, 2011).

Esta realidade pode estar vinculada a estratégia e as tomadas de decisões intuitivas, conforme apontado por Leone (1999, p. 92): “para o dirigente, é preferível agir só e guiado mais pela sua sensibilidade do que pelos meios técnicos de administração [...]”. Some-se a isto a falta de planejamento e conhecimentos técnicos suficientes para identificar os resultados positivos da aplicação de recursos para a gestão da SST.

Os Sistemas de Gestão de Saúde e Segurança no Trabalho (SGSSTs) são ferramentas gerenciais que contribuem para a melhoria do desempenho das empresas com relação às questões de segurança e saúde, visando atendimento às legislações, aumento da produtividade, diminuição de acidentes e credibilidade perante a opinião pública (OLIVEIRA *et al.*, 2010).

As micro e pequenas empresas devem adotar SGSSTs de forma a conseguir a “melhoria na imagem, aumento da competitividade, chance de reduzir os custos com gestão, novas oportunidades de mercado, produtividade mais alta e melhorias nos produtos.” (SALAMONE, 2008 *apud* OLIVEIRA *et al.*, 2010).

Oliveira *et al.* (2010) observaram várias motivações e obstáculos para o investimento em SST, conforme o Quadro 2.

Motivações	Obstáculos
- Melhoria contínua - Melhoria na imagem - Maior competitividade - Novas oportunidades no mercado - Melhoria na produtividade - Melhorias no produto - Pressões governamentais - Pressão da comunidade local - Pressão dos clientes	- Dificuldades no gerenciamento - Custos muito alto - Falta de recursos humanos competentes - Falta de informação - Falta de clareza de padrões

Fonte: Oliveria *et al.* (2010).

Quadro 2- Principais motivações e os obstáculos para implantação de SGSSTs

Observa-se que, apesar do número de motivações ser superior ao de obstáculos, a gestão de SGSSTs em Micro e Pequenas Empresas esbarra nos custos provenientes desta busca, pois os gestores de MPEs possuem visão de curto prazo e focam em investimentos com retorno rápido, retornos estes dificilmente relacionados à SST.

3. Metodologia

A estratégia aplicada nesta pesquisa foi o estudo de caso. Quanto aos objetivos da pesquisa, este trabalho caracteriza-se como pesquisa exploratória com dados qualitativos com resultados aplicados, visando à evidência de boas práticas a partir do caso analisado (COLLIS; HUSSEY, 2005).

O presente estudo classifica-se como qualitativo com objetivos descritivos (COLLIS; HUSSEY, 2005). Como estratégia de pesquisa utilizou-se o estudo de caso (YIN, 2010) cujas fontes de evidência foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, documentos (RICHARDSON, 2011) e observação não-participante (FERREIRA; TORRECILHA;

MACHADO, 2012). Para análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo (KRIPPENDORFF, 2004).

Yin (2010) define o estudo de caso como uma investigação empírica que permite analisar um fenômeno contemporâneo em seu contexto de vida real proporcionando um grande alcance do objeto estudado, pois envolve um estudo profundo e exaustivo que permite o amplo e detalhado conhecimento sobre o objeto estudo (ROESCH, 2006; GIL, 2008; YIN, 2010).

Este estudo foi realizado entre janeiro de 2015 e maio de 2015. Foram quatro visitas a unidade fabril quando da oportunidade foram realizadas as entrevistas, bem como foram colhidas as documentações como, por exemplo, instruções de trabalho relacionados à SST.

A empresa estudada, aqui denominada ficticiamente de Empresa Alfa, tem 15 anos de atuação e é especializada na fabricação de vassouras, rodos e escovas e reciclagem de materiais. Ela possui 12 funcionários, com faixa etária entre 18 e 50 anos, e maquinários de grande porte como extrusoras, tufadeiras e resfriadores. É classificada, de acordo com a NR 4, como grau de risco 3 e não precisa de SESMT e/ou CIPA. Além disso, a empresa não possui técnicos em segurança do trabalho.

4. Resultados

A seguir os resultados são apresentados em duas seções: (i) Levantamento dos Riscos e Recomendações; e (ii) Boas práticas para gestão de SST.

4.1. Levantamento dos Riscos e Recomendações

O processo de levantamento dos riscos se deu por toda empresa identificando os riscos do processo produtivo, analisando e avaliando as condições de iluminação, ventilação, ruído, pisos, deslocamento dos materiais, uso dos EPIs, proteção de máquinas, eletricidade, arranjo físico, histórico de acidentes, entre outros, cujos resultados encontram-se no Quadro 3.

Tipo	Riscos	Fonte Geradora	Recomendações (atendendo as normas regulamentadoras)
Riscos Físicos	Ruído	Injetoras, aglutinador, grampeador, tufadeiras, floradeira	Uso de protetor auditivo circumauricular simples.
	Calor/Vapores	Injetoras, plastificadora de cabos, aglutinador	- Uso de ventiladores e umidificadores; - Uso de luvas de proteção contra agentes térmicos; - Vestimentas para proteção do tronco contra riscos de origem térmica; - Ingestão de líquidos.
Riscos Químicos	Poeira	Sacos de armazenagem da matéria prima, serragem, pó do acabamento	- Uso de máscara respiratória PFF1 para proteção das vias respiratórias contra poeiras. - Óculos para proteção dos olhos contra impactos de partículas volantes.
	Substâncias Químicas	Adição de pigmentos e aditivos, fundição e resfriamento rápido do plástico.	- Uso de máscara respiratória semifacial PFF3 para proteção das vias respiratórias contra poeiras e fumos. - Óculos para proteção dos olhos

Tipo	Riscos	Fonte Geradora	Recomendações (atendendo as normas regulamentadoras)
			contra impactos de partículas volantes.
Riscos Biológicos	Vírus, bactérias, protozoários, fungos e parasitas.	Matéria-prima contaminada	- Uso de luvas, máscaras e óculos; - Práticas de higiene.
Riscos Ergonômicos	Postura repetitiva	Longos períodos de trabalho em pé nas injetoras, tufadeiras, floradeiras e na produção de rodo.	- Revezamento de posto. - Intervalos para descanso. - Adaptação do posto de trabalho para esta posição.
	Movimentos repetitivos	Abastecimento das extrusoras, separação de material, encaixotamento dos produtos.	- Revezamento de posto. - Intervalos para descanso. - Adaptação do posto de trabalho às condições psicofisiológicas do funcionário.
	Trabalho físico pesado	Carga e descarga de sacos de matéria prima, cabos e mercadorias prontas.	- Revezamento de posto. - Intervalos para descanso. - Uso de meios técnicos apropriados para facilitar o transporte da carga.
Riscos Mecânicos	Arranjo físico deficiente	Piso com variações, má iluminação	- Conserto. - Instalação de placas de aviso.
	Choques	Fiação exposta e improvisada	Isolar toda a fiação de acordo com as normas de segurança.
	Objetos perfuro cortantes	Grampeador de cabos, facas, pregos, agulhas e hélices	Uso de luvas de raspa de couro.
	Incêndio	Matéria prima inflamável	Possuir equipamentos de combate a incêndio: extintores, sensores de fumaça, hidrantes.
	Queimadura	Injetoras, aglutinador	Uso de luvas e mangote de couro.

Fonte: Elaborada pelos autores em conformidade com as NRs 12, 15, 17.
Quadro 3– Riscos e recomendações levantadas para a Empresa Alfa.

As Figuras 1, 2 e 3 apresentam o setor de produção da empresa analisada, podendo-se verificar a falta de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) e Equipamentos de Proteção Coletiva (EPC). Assim, é importante destacar que os funcionários também devem usar calçados e calças para proteção contra impactos de quedas de objetos cortantes e perfurantes, contra agentes abrasivos e escoriantes; e contra respingos de produtos químicos. Além do fornecimento, como forma de propiciar melhoria das condições de trabalho mediante a prevenção de acidentes deve-se realizar treinamentos e a sensibilização para o seu uso, uma vez que o grau de escolaridade dos funcionários é baixo.



Figura 1 – Setor da produção onde estão as injetoras.



Figura 2 – Setor onde os cabos recebem o acabamento final.



Figura 3 – Estoque de ativos (primeiro plano) e máquinas tufadeiras (ao fundo).

Durante os seus 15 anos de atuação, a empresa registrou quatro acidentes de trabalho. No primeiro acidente, um corte causado por material perfurocortante, o funcionário recebeu atestado médico e ficou afastado por um dia. O custo médio gerado para a empresa foi de R\$ 150,00, relacionado ao atendimento em um ambulatório hospitalar e um dia sem o funcionário na linha de produção.

No segundo acidente, também um corte causado por material perfurocortante, o funcionário recebeu um atestado médico de cinco dias. O custo médio gerado para a empresa foi de R\$ 270,00, relacionado ao atendimento em um ambulatório hospitalar e os dias sem o funcionário na linha de produção.

O terceiro e o quarto acidente ocorreram com funcionários que trabalhavam na preparação de misturas das matérias-primas com aditivos químicos. Um foi acometido de problemas respiratórios e o outro desenvolveu alergia cutânea nos braços. Ambos estão sob licença há

dois anos e recebem auxílio doença da Previdência Social até os dias atuais. Com isso, a empresa teve um custo médio de R\$ 572,00/ funcionário gerado pelos primeiros 15 dias de afastamento. Após esse período, o pagamento do auxílio-doença passou a ser feito pelo INSS.

A empresa Alfa não soube informar de quanto foi a queda na produção em cada um dos casos e se isso atrasou as vendas e a entrega de mercadorias.

Com esses quatro acidentes a empresa teve um custo total de R\$ 1564,00 sem levar em consideração a queda na produção pelos dias de afastamento. Apesar de o valor ser pequeno, em termos econômicos para a empresa, o prejuízo à saúde dos operários afastados pelo INSS é grave, podendo-se desdobrar em aposentadoria por invalidez repercutindo negativamente sobre a motivação dos funcionários remanescentes à empresa.

4.2. Boas práticas para gestão de SST

Com base na literatura, na experiência dos autores e no estudo realizado, foi possível identificar algumas boas práticas para a gestão de sistemas de segurança e saúde no trabalho que podem ser adotadas na empresa Alfa:

- Comprometimento da direção: o real comprometimento da direção com o SGSST estimula os funcionários a participarem das iniciativas propostas pela organização e contribuírem com a melhoria do ambiente de trabalho;
- Minimização da resistência às mudanças: conflitos, incertezas e falta de informação podem gerar resistência às mudanças sugeridas e interferir negativamente na implantação do SGSST. Incentivar a participação dos colaboradores no sistema, valorizar as opiniões, capacitar e disponibilizar informações e recursos aliviam essa resistência;
- Capacitação técnica e gerencial dos profissionais: investir em treinamentos técnicos e comportamentais pode ser um meio eficaz para desenvolver competências específicas nos funcionários e mostrar os benefícios individuais e coletivos da prevenção de acidentes colaboradores;
- Desenvolver um mapa de riscos: o mapa de riscos tende a ser melhor aceito pelos empregados por resultar em maior conhecimento e proximidade entre o trabalhador e o local com possível risco de gerar acidente. O mapa é mais específico e de fácil leitura;
- Definir indicadores de desempenho em SST e realimentar o sistema: indicadores com a taxa de gravidade, custos dos acidentes de trabalho global e por colaborador, números de dias sem acidente de trabalho, número de queixas e ações judiciais, custos com multas, valor investido mensalmente em segurança do trabalho dentre outros permitem a visualização do *status* do desempenho do SGSST, e a partir disto, a realização de uma autoavaliação e o estabelecimento de planos de ação para eventuais correções dos objetivos e metas estabelecidos.
- Colaboração na cadeia produtiva local: um conjunto de microempresas poderiam se unir e ratear o salário de um técnico de segurança que desenvolveria mapas de riscos e indicaria quais equipamentos são necessários para evitar acidentes de trabalho no processo produtivo dessas microempresas.

5. Conclusões

A avaliação e controle dos riscos são indispensáveis para a garantia do ambiente de trabalho seguro. A sistematização da identificação, quantificação e qualificação dos riscos permite aos gestores condições para agir e minimizar as causas de acidentes ou de riscos proeminentes.

O simples ato de instruir quanto à segurança não garante que tudo correrá bem. Organizar o

trabalho é essencial para que a mudança seja de fato eficaz e para eliminar fatores de risco no trabalho, tanto em questão de segurança, quanto de saúde, não só contribuindo para diminuição de acidentes, mas também para a prevenção destes e de doenças relacionadas ao trabalho.

Com o exposto foi possível identificar algumas boas práticas e as principais dificuldades relacionadas à implantação de Sistemas de Gestão de Saúde e Segurança no Trabalho em micro e pequenas empresas. Esse conhecimento possibilita o direcionamento de investimentos em programas e sistemas na área de segurança do trabalho, impulsionando a melhoria das condições de vida do trabalhador, que levam a minimizar as condições de riscos existentes nos ambientes de trabalho.

Os micro e pequenos empresários devem estar cientes de que promover a segurança do trabalho é economicamente vantajosa. Além da obrigação legal, é dever moral, devido aos aspectos sociais envolvidos, causando danos a todos os segmentos: empresas, trabalhadores e sociedade; resultando para todos, custo econômico e humano.

Conclui-se que a gestão de SST na microempresa analisada é uma questão crítica tendo em vista os diversos riscos identificados. Porém, tais riscos podem ser mitigados com pequenas ações e de custos inexpressíveis o que indica a falta de informações dos gestores, obstáculo mencionado na literatura e característica marcante das MPEs. Esta constatação, embora proveniente de um único estudo de caso, pode indicar um sintoma presente em várias MPEs ora não exploradas.

Por fim, aponta-se que os órgãos que regulamentam as questões de SST não possuem ações em caráter orientativo e de parceria com as MPEs que dispõem de pouco capital. Seria oportuno, neste sentido que ao invés de fiscalizações com caráter punitivo o governo investisse em ações colaborativas aos empresários.

Referências

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). *Cartilha de Apoio às Micro, Pequenas e Médias Empresas*. 2014.

COLLIS, J; HUSSEY, R. *Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação*. 2ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005.

COSTA, C. D.; MENEGON, N. L. *Condução de ações em saúde e segurança do trabalho em pequenas e médias empresas: análise de três casos*. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, vol. 33, Brasil, 2008.

FERREIRA, L. B.; TORRECILHA, N.; MACHADO, S. H. S. *A técnica de observação em estudos de administração*. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 36., 2012, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, RJ: ANPAD, 2012.

GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6 ed. São Paulo: Atlas S. A, 2008.

JÚNIOR, B. B., VÉRAS, J. C., LAGO, E. M. G., RABBANI, E. R. K. *Indicadores de segurança do trabalho para direcionamento do sistema de gestão de segurança e saúde no trabalho*. In: XXVI Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 2006.

KRIPPENDORFF, K. *Content analysis: an introduction to its methodology*. 2 ed. London, UK: Sage Publications, 2004.

LEONE, N. M. C. P. G. *As especificidades das pequenas e médias empresas*. Revista de Administração, v. 34, n. 2, p. 91-94, 1999. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/18123/as-especificidades-das-pequenas-e-medias-empresas>> Acesso em: 18 ago. 2015.

MONTEIRO, L. F.; LIMA, H. L. M.; SOUZA, M. J. P. *A Importância da Saúde e Segurança no Trabalho nos Processos Logísticos*. XII SIMPEP, Bauru, 2005.

OLIVEIRA, O. J. de, OLIVEIRA, A. B. de, ALMEIDA, R. A. de. *Gestão da segurança e saúde no trabalho em empresas produtoras de baterias automotivas: um estudo para identificar boas práticas*. Revista Produção, v. 20, n. 3, p. 481-490, jul./set. 2010.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. *Sistema de Gestão da Segurança e Saúde no Trabalho : Um instrumento para uma melhoria contínua.* 2011.

RIBEIRO, C. T.; AMARAL, F. G. *Proposta de implementação de um sistema de gestão de saúde e segurança no trabalho com base na OHSAS 18001: um estudo de caso.* Monografia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Engenharia, 2011.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas.* 3 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2011.

ROESCH, S. A. *Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso.* 3 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2006.

RYAN, R. M. .; DECI, E. L. *Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being.* American Psychologist, v. 5, n. 1, p. 68–78, 2000.

SEN, A. *Capability and well-being.* In M. C. Nussbaum & A. Sen (Eds.). The quality of life. Oxford: Clarendon Press, 1993. p.30-53

SENNET, R. *O Artífice.* Rio de Janeiro, RJ: Record, 2009.

SENNET, R. *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação.* Rio de Janeiro, RJ: Record, 2012.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos.* 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.